Apresentação do dossiê Agostinho da Silva: pensador da cultura

Márcio Danelon[*]

Amon Pinho[**]

Com enorme satisfação, apresentamos aos leitores da revista Educação e Filosofia o dossiê temático sobre o filólogo, filósofo e educador luso-brasileiro George Agostinho Baptista da Silva (1906-1994).

Este dossiê foi uma iniciativa da Cátedra Agostinho da Silva de Estudos Humanísticos, sediada na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), e organizado pelo Professor Doutor Amon Pinho, diretor da Cátedra, e pelo Professor Doutor Márcio Danelon, pesquisador a ela vinculado. É de suma importância salientar que a Cátedra contou, na concretização desta publicação, com o valioso apoio do Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, de Portugal, e da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação da UFU, aos quais expressamos nosso profundo agradecimento.

Abrimos o dossiê com um texto inédito de Agostinho da Silva: uma entrevista concedida pelo filósofo, em 1963, ao programa "Meia hora de Amizade Luso-Brasileira", veiculado pela Rádio Vilaverde, de Macau – à época, uma colônia portuguesa. Junto a essa entrevista, trazemos a apresentação do professor Bruno de Alves Borges, intitulada "Agostinho da Silva em Macau", na qual o autor contextualiza a fala do filósofo à luz de suas atividades docentes na recém-fundada Universidade de Brasília

[*] Editor executivo da revista Educação e Filosofia. Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor em Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: marcio.danelon@ufu.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/6301932501639244. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-0416-7273.

[**] Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Professor em Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: amonpinho@yahoo.com.br. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5418286580636246. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3704-0682.

(UnB), instituição em cuja criação atuou de forma efetiva. O texto também destaca a importância que o Centro Brasileiro de Estudos Portugueses teve para a propagação, o fortalecimento e o reconhecimento da cultura portuguesa ao redor do mundo. É nesse cenário de fundação da UnB e de seus Centros de Estudos – concebidos como a alma mater da universidade – que Agostinho da Silva viajou a Macau para realizar diversas atividades, incluindo esta entrevista.

O dossiê segue com um conjunto de oito artigos e uma palestra produzidos por importantes pesquisadores da obra do pensador. O primeiro artigo é de autoria do músico, compositor e ensaísta brasileiro José Miguel Wisnik, professor aposentado da Universidade de São Paulo (USP), onde lecionou Literatura Brasileira. No texto "Fernando Pessoa, Agostinho da Silva e a Canção Brasileira", Wisnik analisa a presença de Fernando Pessoa na música popular brasileira a partir de sua assimilação pelo Tropicalismo – notadamente por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento e Tom Jobim, nos anos 1960 – e a relação desse fenômeno com o sebastianismo e a ideia de Quinto Império. O artigo destaca o impacto do pensamento do filósofo luso-brasileiro que, exilado no Brasil, difundiu uma visão utópica de missão espiritual para a lusofonia. Essa perspectiva inspirou artistas e, no caso de Caetano Veloso, conectou canções como *É Proibido Proibir*, *Língua* e *Um Índio* ao universo de Pessoa, misturando referências místicas, políticas e culturais. Wisnik conclui que a canção brasileira, ao unir música popular e tradição literária, tornou-se um lugar privilegiado de reflexão sobre identidade, utopia e destino, incorporando o legado pessoano de uma "alma atlântica".

Na sequência, o artigo "A Filosofia como Crítica e Superação da Filosofia em Agostinho da Silva", do professor Paulo Borges da Universidade de Lisboa (ULisboa), em que apresenta e interpreta os aspectos da relação complexa e ambivalente de Agostinho da Silva com a filosofia tradicional. O autor perpassa diversos momentos da obra do pensador luso-brasileiro para mostrar como ele, embora visto como filósofo, distancia-se da própria Filosofia para considerá-la a partir de outras instâncias. Nesse aspecto, Paulo Borges defende que emana do

pensamento de Agostinho da Silva uma "meta-filosofia", desenvolvida como crítica à tradição e à prática filosófica em geral. Contudo, ao navegar pelos meandros desse pensamento, o autor argumenta que essa aparente rejeição revela Agostinho da Silva como um filósofo no sentido mais original e exigente do termo: o de um amante da sabedoria prática e voltada para a vida, mais do que para a teoria.

O professor Dirk Michael Hennrich, também da Universidade de Lisboa (ULisboa), assina o terceiro artigo, intitulado "A Escultura como Metáfora Absoluta em Agostinho da Silva", acompanhado de uma tradução para o alemão, feita pelo próprio autor, da segunda carta de *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*. Nesse texto, Hennrich realiza um estudo refinado da obra publicada originalmente em 1945, explorando como Agostinho da Silva utilizou a escultura como metáfora do processo de formação humana. O estudo demonstra a forte influência da cultura grega clássica em suas escritas pedagógicas das décadas de 1930 e 1940. Para além da herança grega e do cristianismo, Hennrich aponta que as reflexões pedagógicas de Agostinho da Silva foram marcadas por movimentos modernos, como o método Montessori e o conceito de casas de educação rural (*Landerziehungsheime*) de Hermann Lietz. O artigo traça essas conexões e as contextualiza no escopo da primeira grande obra filosófica do autor.

O quarto texto, "O Tópico da Alimentação Humana no Projeto Enciclopédico-Utopista dos *Cadernos de Informação Cultural*, de Agostinho da Silva", é da autoria do professor José Eduardo Reis, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD). O autor demonstra como Agostinho da Silva, motivado por sua exclusão e pelo impedimento de lecionar nos liceus de Portugal pelo Regime de Salazar (1933-1974), empenhou-se, no início dos anos 1940, em um projeto pessoal de pendor enciclopédico-utopista. Esse esforço resultou nos *Cadernos de Iniciação Cultural*, um conjunto de mais de cem pequenos volumes que revelam uma singular energia intelectual e uma generosa militância em prol da difusão do saber em uma sociedade politicamente fechada e refratária à formação cívica. O artigo consiste em uma leitura hermenêutica e

contextualizada do caderno dedicado especificamente ao tema da alimentação humana.

O quinto artigo deste dossiê, intitulado "Dramáticas da Filosofia, ou de um Pensamento Filosófico Radicalmente Aliado à Sensibilidade Artística: Agostinho da Silva, Platão de Colito, Fernando Pessoa", é assinado pelo professor Amon Pinho, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). O texto investiga a concepção distintiva de filosofia na obra de Agostinho da Silva. Por meio de três recortes – etimológico, epistemológico e ontológico – e de articulações entre os pensamentos de Agostinho da Silva, Platão de Colito e Fernando Pessoa, o autor define a ideia agostiniana de filosofia não como uma analítica ou gramática, mas como uma performática ou "dramática filosófica". Nela, o filosofar confunde-se com o poetar, e a racionalidade do pensamento filosófico encontra-se estreitamente relacionada à embriaguez da sensibilidade artística. Amon Pinho conclui argumentando, com propriedade, que emerge da obra de Agostinho da Silva a concepção de filosofia como modo poiético de vida.

O sexto artigo recebe o título de "*Alétheia*, *Eudaimonia* e a Filosofia como modo de vida: uma análise de *Conversação com Diotima*, de Agostinho da Silva", de autoria da professora Romana Isabel Brázio Valente Pinho e do professor Márcio Danelon. No texto, os autores buscam demonstrar, no diálogo *Conversação com Diotima*, o contraponto de Agostinho da Silva à metafísica platônica. Para tanto, baseiam-se na formulação de seu entendimento da filosofia como modo de vida operado não por filósofos, mas por poetas e artistas. Com esse propósito, promovem uma delimitação da interpretação agostiniana acerca dos conceitos de *Alétheia* e *Eudaimonia* presentes na referida obra.

O professor Noeli Dutra Rossatto, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), apresenta o sétimo artigo, intitulado "O Joaquimismo de Agostinho da Silva". Sua hipótese fundamental é demonstrar que o pensador luso-brasileiro, apesar de se apropriar da teoria dos três estados e de projetar a espera da Idade do Espírito, de acordo com o legado joaquimita, utiliza essas categorias dentro de uma nova moldura teórica, na qual um certo passado medieval português é transformado em

utopia. Para fundamentar essa tese, o autor parte de três indícios da recepção da obra do abade Joaquim de Fiore (1135-1205), por Agostinho da Silva: primeiro, a utilização da teoria dos três estados do mundo na divisão da história e no esboço do horizonte utópico; segundo, a retomada da noção de terceiro estado espiritual como Idade do Espírito; e, por fim, a peculiar compreensão da Festa do Império do Divino Espírito Santo como a celebração dessa própria idade joaquimita.

As professoras Camila Lima Coimbra e Letícia de Paula e Silva Andrade, ambas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), são as autoras do oitavo artigo, intitulado "Agostinho da Silva e suas Contribuições para uma Educação Libertadora". O objetivo do trabalho é evidenciar, de forma propedêutica, as contribuições de Agostinho da Silva para a pedagogia libertadora de Paulo Freire. O argumento desenvolve-se em dois movimentos: primeiramente, as autoras aproximam os dois intelectuais quanto às suas respectivas filosofias para a educação; em seguida, buscam pontuar, especificamente na obra *Pólicles*, de Agostinho da Silva, as relações diretas de seu texto com a matriz freireana.

Fechamos o dossiê com o texto do antropólogo Roberto Pinho, intitulado "Agostinho da Silva, Lina Bo Bardi e o Brasil", originalmente ministrado em forma de palestra no Colóquio Internacional "Agostinho da Silva: Filosofia, milenarismos e utopismos luso-afro-brasileiros", ocorrido em 2021. O evento foi organizado pela Cátedra Agostinho da Silva de Estudos Humanísticos da UFU, em parceria com o Camões – Instituto da Cooperação e da Língua. Para Roberto Pinho, quando esses dois intelectuais – Agostinho da Silva e Lina Bo Bardi – chegaram ao Brasil em meados da década de 1940, encontraram um país em que a natureza e as cidades ainda guardavam um encanto essencial: o equilíbrio entre o meio ambiente e o patrimônio construído. Além dessa geografia, a dimensão simbólica também se mostrava evidente na forte presença das culturas populares, que produziam manifestações fundamentais à identidade nacional, como arte, arquitetura, artesanato, música, rituais e linguagens de norte a sul do país. Foi esse cenário que encantou os dois estrangeiros, levando-os a fazer da nova terra a sua morada. A partir disso, o autor demonstra de que modo as

visões de Agostinho da Silva e Lina Bo Bardi convergiram sobre o país; quais antecedentes os guiaram à compreensão da existência de "dois Brasis"; e como essa convergência se deu – apesar do distanciamento de suas trajetórias – a ponto de ambos se naturalizarem brasileiros.

Neste ano de 2026, em que se assinalam os 120 anos de nascimento de Agostinho da Silva, convidamos todos os leitores, com muita alegria, a enveredarem pelo dossiê Agostinho da Silva: pensador da Cultura, cuja leitura, esperamos, possa produzir novos sentidos, significados, aprendizagens, afetos e encantos.